



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

Literatura



Cruz e Sousa e Virgílio Várzea
Tropos e Fantasias



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Tropos e Fantasias

Cruz e Sousa e Virgílio Várzea

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1885.

Livro Digital nº 488 - 2ª Edição - São Paulo, 2018.

Poesia - Literatura Brasileira.

João da Cruz e Sousa
(1861–1898)

Virgílio dos Reis Várzea
(1863–1941)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

ÍNDICE



ALGO MAIS: "Notícias sobre Cruz e Sousa".....	1
Casos e Coisas (apresentação).....	7
Allegros e surdinas.....	8
Piano e coração.....	10
A bolsa da concubina.....	12
O padre.....	20
Pontos e vírgulas.....	26
Sabiá-rei.....	29

NOTÍCIAS SOBRE CRUZ E SOUSA

Nasceu João da Cruz e Sousa em Desterro, capital da província de Santa Catarina, em 24 de novembro de 1862. Era filho de dois escravos, inteiramente negros: Guilherme e Carolina. Quanto a Guilherme, era pedreiro e viveu até os 90 anos; Carolina faleceu em 1891. Esse casal de negros pertencia ao Marechal Guilherme Xavier de Sousa, de quem o menino, ao nascer, tomou o nome. Em 1865, tendo que seguir para a guerra do Paraguai, o Marechal Sousa alforriou todos os seus escravos. Era, porém, um excelente senhor, e todos os que o tinham servido ficaram ligados a ele e à sua família. O pequeno João era tratado, em casa da família do Marechal, como alguém que tinha a estima e o carinho de todos.

Cruz e Sousa fez suas humanidades no Ateneu Provincial, instituição da qual era reitor o Padre Mendes de Almeida. Ali teve mestres eminentes, como o sábio Fritz Muller, que lecionava Matemáticas e Ciências Naturais. Tinha Muller a maior consideração pelo menino, em quem reconhecia um grande talento, e a quem chamava seu "discípulo amado."

No Ateneu foi também discípulo do professor João José de Rosas Ribeiro (pai de Oscar Rosas), que lhe ensinou francês, e do Padre Mendes de Almeida, que lhe ensinou grego, latim e inglês.

Era a esse tempo um menino estranho, que revelava preocupações muito singulares para a sua idade. Desde os 8 anos fazia versos. Nos salões familiares, nos teatrinhos que se improvisavam, não tinha dificuldades em recitar os seus trabalhos, o que surpreendia muita gente, encantando aqueles que podiam perceber, nas composições infantis do negrinho, filho de escravos, o talento que se anunciava.

Aos 19 anos, encontrava-se ele com Virgílio Várzea, que, levado pelo seu grande amor aos ambientes novos e desconhecidos, andara viajando em vários lugares. A amizade que entre eles se criou foi logo profunda e cheia de excelentes frutos. Juntos eles iniciam, em Santa Catarina, o primeiro movimento em favor da Abolição da escravidão. Fundam, em 1881, a *Tribuna Popular*, que se publica durante oito anos.

Cruz e Sousa é então um ardente elemento da *Escola Nova*, que era, diz-nos Nestor Victor, "o Naturalismo e o Parnasianismo". Os adeptos da *Escola Nova* tinham um só escopo: combater, de todas as formas possíveis, o Romantismo agonizante. Era o que faziam os jovens da *Tribuna Popular*, sendo que, entre eles, o mais ardoroso, o mais veemente, aquele que menos tréguas dava ao adversário, era exatamente Cruz e Sousa. É curioso fixar, entretanto, que ainda no tempo da vigência da *Tribuna Popular*, os dois amigos fundaram outra publicação: *O Colombo*. E essa nova publicação deu um dos seus números todo dedicado a Castro Alves, representante legítimo do Romantismo em sua última fase. É que eles viam em Castro Alves alguma coisa mais do que o poeta romântico: viam o poeta social, o campeão ardente da Abolição, o formidável revolucionário que ele fora sempre...

Cruz e Sousa tem, entre as suas preocupações dessa época, a paixão pelo teatro. Desterro dos anos de 1880 é uma cidade sem grandes recursos intelectuais e quando, de longe em longe, ali aparece uma companhia dramática isso constitui um formidável acontecimento. Entre os que mais entusiasmo mostram pelas companhias que chegam está Cruz e Sousa. Em muitas, ele arranja maneira de trabalhar. Faz-se secretário delas, imiscui-se entre os artistas e as atrizes.

Certo dia, chega à capital da província a companhia da atriz Julieta dos Santos, que é dirigida pelo ator F. Moreira de Vasconcelos. É um homem que ama a poesia, que provavelmente, nas horas que lhe deixa vazias o teatro, faz os seus versos. Aproxima-se de Cruz e Sousa, recebe talvez as confidências do pobre rapaz, tão

incompreendido por todos em sua terra. Moreira de Vasconcelos oferece-lhe um lugar na companhia: o de ponto-secretário. Cruz e Sousa aceita a colocação, e parte em *tournée*. Vai ao Rio Grande do Sul. Depois, de 1881 a 1883, percorre todo o litoral brasileiro, chegando até o Amazonas.

Em 1883, dá-se na vida de Cruz e Sousa alguma coisa de extraordinário: é nomeado presidente da província de Santa Catarina o Dr. Francisco Luís da Gama Rosa. É um altíssimo espírito, um autêntico homem de letras, um pensador, um sábio. Sua *Biologia e Sociologia do Casamento* é uma obra notável, tendo sido vertida para o francês por Max Nordau, e tendo tido outras versões para o inglês e o alemão. Gama Rosa, que já tinha pelo talento e o trabalho de Cruz e Sousa o apreço que estes mereciam, chama, ao chegar a Desterro, o rapaz, para seu companheiro: dá-lhe o emprego de seu oficial de gabinete. Quando abandona o governo da província, não se esquece do poeta: nomeia-o promotor de Laguna. Desse cargo, porém, Cruz e Sousa não pôde tomar posse. O meio catarinense da época é cheio de preconceitos, e na cabeça dos políticos não pôde entrar esta "monstruosidade": que um negro possa ser promotor de justiça... Cruz e Sousa deixa, assim, de ter uma situação estável, e iniciar uma carreira que lhe poderia garantir tranquilidade e segurança.

Se não inicia a carreira de magistrado, continua a carreira literária. É de 85 o livro que publica em colaboração com Virgílio Várzea: *Tropos e Fantasias*. Nesse mesmo ano, publica um jornal com ilustrações litográficas, ao qual tem a detestável ideia de dar o nome de *O Moleque*.

Observa Nestor Victor que, com *O Moleque*, ele se arrisca até a ir à alta sociedade, abrindo, por exemplo, como abriu, concursos de beleza entre as moças de Desterro. A coincidência infeliz, entretanto, do nome do jornal com a cor do jornalista, serviu como um elemento a mais de decidido combate contra Cruz e Sousa. E seu *Moleque* não viveu mais do que um ano.

Em 1886, fez ele uma viagem ao Rio Grande do Sul.

Em junho de 1888, mudou-se para o Rio, pensando em ficar aqui definitivamente. Teve, então, ocasião de fazer várias amizades, que lhe ficaram fiéis. Oscar Rosas foi o seu companheiro assíduo nessa fase. Ele entrou em contato com Luís Delfino e B. Lopes (a esse tempo ainda se assinando Bernardino Lopes). Foi nessa ocasião que o conheceu, num encontro de alguns minutos, Nestor Victor, que havia de ser, mais tarde, e para sempre, o guarda vigilante e comovido de sua memória. Um ano depois, estava Cruz e Sousa de novo em Desterro, nada tendo obtido no Rio. Não se demora muito, porém, em sua terra natal. Em fins de 1890, reside no Rio, onde trabalha na imprensa. Seu trabalho, entretanto, é inconstante, e ele realiza uma verdadeira peregrinação forçada, através das redações. Pouco fica em cada uma delas, pois a sua atitude, o seu ar, as suas próprias convicções literárias, tão intolerantes e extremas como o são, o indispõem contra uns e outros.

A esse tempo, já estão cerradas as fileiras simbolistas, e a atmosfera no terreno literário é de luta franca e desabrida. Quando, em 1893, aparece o *Missal*, na edição da Livraria Magalhães, o combate que provocou Cruz e Sousa e seu livro é o mais veemente. Estão agrupados em torno dele, e são seus lugares-tenentes, vários rapazes, e entre estes Gonzaga Duque, Emiliano Pernetá, Nestor Victor, Lima Campos e Oscar Rosas. Em uma reveladora carta a este último, datada do mesmo ano do aparecimento de *Missal*, ele se declara um simbolista radical... É desse ano de 93, e igualmente em edição da Livraria Magalhães, o aparecimento dos *Broquéis*, livro que deu, logo, o rumo do Simbolismo brasileiro, no terreno da poesia. Dessa época encontramos alguns depoimentos curiosíssimos, sobretudo os que chegam de homens que não pertenciam às fileiras de Cruz e Sousa. Entre estes destacaremos, por exemplo, o depoimento de Araripe Júnior. Pudemos sentir como foi de surpresa e escândalo a impressão que Araripe Júnior teve da publicação de *Missal* e *Broquéis*. Ele assim retrata Cruz e Sousa, depois de ter destacado a circunstância de ser ele um preto puro, sem nenhuma mescla de branco ou de índio: “O autor de *Missal*, disse eu, é um poeta maravilhado. Ingênuo no meio da civilização ocidental, para a qual seus antepassados concorreram apenas com

braço físico, ele olha para tudo com olhos de um Epimênides..." E é para definir essa posição de Cruz e Sousa — a de um maravilhado — que o autor do *Movimento* de 93 escreve meia dúzia de páginas de sua arguta psicologia de crítico.

Um elemento, porem, influía nesse maravilhamento que Araripe Júnior encontrava no *Missal* e nos *Broquéis*, elemento de que o crítico decerto não teve conhecimento: é que o *Poeta Negro* escrevia esses seus livros quando estava noivo, em pleno idílio com a sua Gavita. Era Gavita, como o poeta que a amava, uma negra autêntica. Fora criada em casa do médico Dr. Monteiro de Azevedo. Morava num bairro humilde, onde Cruz e Sousa tinha um amigo.

Fora ele, certo dia, visitar esse amigo, e, quando ao passar defronte de um cemitério ali vira a preta que o impressionou. Cortejou-a, aproximou-se dela, noivaram. É alguma coisa que muito nos comove, esse idílio de dois jovens negros, paupérrimos e miseráveis ambos filhos ambos provavelmente de escravos, esse idílio mais humilde do que qualquer outro, e do qual entretanto vão brotar no coração de um poeta livros de uma estranha força, livros que estão destinados a dar rumos novos aos movimentos espirituais de todo um país...

Sim; é à influência de Gavita que podemos atribuir essa imensa força de espiritualidade, que encontramos nos versos de Cruz e Sousa nessa fase, esse transporte permanente que neles achamos, para mundos outros, mundos melhores, mundos mais belos, que não sejam o triste mundo que habitamos nós....

Em 9 de novembro de 1893, casa-se ele com Gavita. Sua situação, porém, continuava difícilíssima, não lhe dando para viver com a mulher o que ele arranjava nos jornais. O poeta procura um emprego, e afinal consegue um: é nomeado praticante de Estrada de Ferro Central. Ali fica, trabalhando como pode, marcando passo, pleiteando uma pobre promoção... Chega a arquivista em sua carreira.

Sua vida particular é a mais amarga que poderia ser, cortada de sofrimentos de toda a ordem. Em março de 1896 tem um desgosto extremo: Gavita fica louca. Querem levá-la para o hospício, mas ele não permite. Durante seis meses — que tanto dura a doença dela — ele lhe é o mais devotado dos enfermeiros. Em agosto do mesmo ano, perde Cruz e Sousa o pai.

No meio de tantas amarguras, não deixa de trabalhar: já desde 97, seu segundo livro de prosa, as *Evocações*, está pronto para ser entregue ao prelo. Não tem mais editor, porém, pois a benemérita Livraria Magalhães, que lhe editara as primeiras obras, já fechou as portas. As *Evocações* só sairão mais tarde, seis meses depois dele ter morrido.

Em dezembro de 1897 declara-se-lhe a tuberculose. Sua marcha é rapidíssima. Em 19 de março do ano seguinte, Cruz e Sousa está morto. Deixava viúva e quatro filhos, sendo um deles póstumo.

A tuberculose continuou a perseguir os seus. Três anos depois da morte dele, a implacável inimiga tinha levado dois dos meninos e a bem-amada Gavita. Restou apenas o filho póstumo. Este conseguiu chegar a 17 anos — quando, por sua vez, foi por ela carregado. Nestor Victor, que nos dá a relação de tantas tragédias, acrescenta: “Até um irmão do poeta, por nome Norberto, tanoeiro de ofício, que se mudara de Santa Catarina para São Paulo, segundo o consta, já é morto. Parece que a família não tem mais representantes.”

Revista "Autores e Livros", edição de 11 de outubro de 1942.

TROPOS E FANTASIAS



CASOS E COISAS

As ilusões são como as cerejas.

Se estas se desprendem uma a uma, quando as tentamos apanhar juntas, também aquelas.

Tropos e fantasias sintetizam um punhado de ilusões... avigoradas no idealismo, emigrando, leves, leves, para os espíritos aseados e limpos, na higiene e na salutariedade essencial da luz.

E foi nestes casos que publicamos estas coisas.

Virgílio Várzea e Cruz e Sousa

ALLEGROS E SURDINAS

(A B. Lopes)

Foi pela primavera.

A natureza fecunda e prodigiosa, extasiava o raciocínio com as pompas exuberantes, com a fertilização da verdura.

As flores abriam-se, como os risos alegres e vibrantes da terra.

Havia nos espaços, profundamente calmos, a expansibilidade suavíssima das coisas.

Pairava em tudo como que o amor espiritualizado.

Foi pela primavera.

A falange gloriosa dos canários, dos coleiros, dos gaturamos, dos sabiás, rasgava o horizonte, aqui e ali, de risadas apopléticas, que chocalhavam como guizos, que tiniam, que bimbalhavam como campanários de aldeia.

Toda a floresta tomava a proporção de um deslumbramento equatorial.

As fontes, as cascatas, os ribeiros, sonoros, harmônicos, musicais, faziam coro na grande ópera da Criação.

A vitalidade, a seiva tinha erupções vulcânicas, desde os troncos mais hartos, até as mais frágeis raízes.

Cintilava, cantava o verde florido dos prados e o azul refrigerante dos céus.

Almas e almas vagavam, como silfos, como asas, como nuvens e nuvens, pelas zonas consoladoras e luminosas do idealismo.

Trinos e trenos, por tudo.

A falange gloriosa dos canários, dos coleiros, dos gaturamos, dos sabiás, rasgava o horizonte, aqui e ali, de risadas apopléticas, que chocalhavam como guizos, que tiniam, que bimbalhavam como campanários de aldeia.

Uma simpatia boa acariciava por fora, a casinha alva, muito alva, encarapitada do cimo da colina.

Dentro, morrera o Gigi, uma criança, um beijo cristalizado, um sonho dos colibris; e as esperanças dos pais, imergiam, pela sombra melancólica das mágoas, como pombas, tristes, tristes...

Morrera o Gigi; a primavera da vida, na primavera da natureza.

E as névoas crepusculares que invadiam a tarde, penumbravam o aposento inteiro...

Nos objetos parecia haver também a reticência da dor.

E quando o foram conduzir para o túmulo, as estradas arenosas tinham aquela gravidade séria dos corações desamparados de crenças.

As lavadeiras, atravessando o caminho, em curvas, cantarolando, com as brancuras honestas de roupas à cabeça, punham tons de uma afabilidade rara no fúnebre trajeto.

Os ciprestes, silenciosos, acompanhavam aquela angústia, chorando as suas compridas lágrimas de orvalho.

Perfumes agrestes, espiralavam-se das matas verdes, fartas de florações viçosas e gastas.

Estendiam-se, para além, nas serras oblongas, alguns mugidos vagos de bois satisfeitos que pastavam deleitosamente.

E na extremidade curvilínea das praias, as ondas claras, espumantes, refletiam os coloridos silforamáticos que o sol produzia, frechando as colinas pedregosas e altanadas, parecendo, à movimentação do globo, resvalar pelo seu ocaso eterno e supremo, numa auréola de fogo.

Uma simpatia boa acariciava por fora, a casinha alva, muito alva, encarapitada no cimo da colina.

Dentro, morrera o Gigi, uma criança, um beijo cristalizado, um sonho dos colibris; e as esperanças dos pais, imergiam, pela sombra melancólica das mágoas, como pombas, pombas tristes, tristes...



PIANO E CORAÇÃO

(A Isidoro Martins Júnior)

O piano, o piano e o coração.

Ó melodias do coração, ó harmonias do piano.

Chopin, Gounod, Métra, Strauss, Beethoven, Gottschalk, constelação gloriosa de boêmios de ouro!...

Quando o piano musicaliza, caracteriza, espiritualiza as longas escalas cromáticas, os adoráveis *allegros*, os interessantes *pizzicatos*, quem fala primeiro que os cérebros artísticos, é o coração.

Ele canta mais alto que todos os órgãos humanos.

O coração é o pulso do cérebro artístico.

Pela temperatura e o grau de sentimento de um, o músico estabelece a proporção do outro.

Um dirige, outro executa.

Um tem a fórmula, outro funciona.

Um é o oxigênio, outro o carvão.

Um faz o relâmpago, outro produz o raio.

Coração e cérebro aliam-se, homogêizam-se.

Assim o piano, eternamente assim.

O coração é a luta, as grandes tempestades desoladoras, varadas de cóleras surdas de vendavais gargalhantes e interminos, de frios que estortegam, enregelando as noites soturnas das trevas compridas e absolutas; o coração é a maciosidade dos linhos, a candidez consoladora dos luares estrelados, a fluidez elétrica dos perfumes excitantes, as expansivíssimas alegrias, castamente sonoras e sonoramente castas.

O coração ruge e vibra.

Assim o piano. Cada palpitação do piano, é uma fibra do coração, que bate.

Tem os mesmos triunfos, os mesmos humorismos fúnebres, as mesmas imponências e coruscações, o piano.

Chora e canta, ri e soluça.

Quanta vez o artista não canta, não ri e chora e soluça com o piano. Dizei à sensibilidade que emudeça.

À sombra que se subdivide, partícula por partícula, pela própria sombra.

O piano, como o coração, representa um ser complexo, com os elementos necessários, com os nervos, com os músculos de vitalidade dispostos, preparados, desenvolvidos, de forma a infiltrar nos demais seres, a seiva psíquica, a sanguinidade simpática da arte.



A BOLSA DA CONCUBINA

(*A Horácio de Carvalho*)

O amor é uma escada que tem uma extremidade na glória e outra no abismo, — disse-o Matias de Carvalho.

Veze há que essa escada devendo resvalar na glória, resvala abruptamente no abismo.

E ai daqueles que se tem librado a ela.

O amor é uma torrente de circunstâncias anormais.

Quanto maior é o amor, maior deve ser o sacrifício.

O amor faz gigantes e faz anões, ilumina e entenebrece os espíritos nervosos e doentios.

É como o cáustico; cura mas deixa os sinais evidentes.

Daí as incompatibilidades, as duras idiosincrasias do amor.

Daí as monstruosidades e os abortos morais, os perigos e as aberrações sociais.

O amor, o amor que se consubstancia no dever, na harmonia, no bem-estar, no sossego de espírito, na probidade e na lisura, é o maior elemento higiênico da moral da família.

Para a felicidade doméstica, o agente que mais influi é o amor, mas não esse amor gasto que anda a suspirar pelos madrigais, pelas belas noites de luar, pelos suntuosos saraus de onde se sai com o estômago encharcado de maus vinhos e a consciência cambaleando, pelo efeito das luzes, das flores, das músicas e das pompas.

Não! Não!...

Mas o amor sadio, limpo, asseado, o amor que sabe ter energias e sabe ter heroísmos, o amor que ri com a esposa e soluça com o filho, o amor que mostra a camisa rota do operário, o arado do aldeão, mas que à noite, nas suavíssimas meias sombras do lar, lembra-se que tem de almoçar no dia seguinte e que a mulher já lhe disse, abraçando-o expansivamente, entre as harmonias alegres e francas de um sorriso, que não há lenha em casa.

É esse o amor.

O amor que faz bem, que corporifica os sentimentos da alma, que se multiplica de vitalidade pelos sentidos, pelos olhos, pelos ouvidos, pelos gestos, por todos os atos e complementos psicológicos e fisiológicos.

O amor que é a filosofia dos seres bons, honestos, o amor que é o oxigênio da temperatura do afeto humano.

Assim como o ar atmosférico tem influência sobre os pulmões, o amor tem influência sobre o trabalho, sobre o dever, sobre a virtude.

Da temperatura do amor depende a temperatura da felicidade conjugal.

Há desgraçados que deveriam ser felizes, assim como há felizes que deveriam ser desgraçados.

Os primeiros porque trabalharam para ser felizes; os últimos porque nada fizeram para isso, não deixando, porém, de ter a

consideração de — zelosos de seu bem-estar e trabalhadores do seu futuro.

O verdadeiro amor, aquele que é para as crianças o imaculado tesouro, o verdadeiro amor, aquele que é para os cegos a benéfica luz, aquele que é para os mortos o miraculoso *surge et ambula*, esse, esse amor, supremo como as supremas harpas do infinito, claro, magnífico como as vestiduras brancas dos justos, imponente como a memória de Camões cortando a monotonia de gelo de trezentos anos, esse amor é a afinação das almas pela música da natureza criadora.

Fora preciso que a humanidade não cuidasse tanto das funções peristálticas do estômago, para abrir o grande livro da virilidade universal:

O amor.

Fora preciso que as consciências expelisses de si todos os fetos e aleijões que elas produzem e que, tomando uma nova seiva, uma porção de sangue, uma boa parcela de massa encefálica, uma intuição muito direita, muito outra, dos admiráveis problemas que a filosofia derrama na flor, na árvore, no infinito, em toda a criação, em toda a natureza, sintetizassem no amor a concretização de todos os fenômenos e acontecimentos animais.

— O amor, tem razão o poeta, é uma escada que tem uma extremidade na glória e outra no abismo.

Casaram-se.

Ela muito limpa sempre, muito asseada, sabendo ler bem, costurando à noite, na máquina, paletós, calças, coletes, sacos de anagem; fazendo à mão toalhas de rosto, bordando, toda alegre, com os seus pospontos muito bem acabados, delicadamente feitos; indo ao quintal de manhã cedo, aos raios mais firmes do dia, ver a alacridade doce de suas plantas, de suas flores, de sua horta muito

galante, dando de comer, milho moído, aos pintos, que vinham, vinham, vinham, em pequeninos gritos, em expansões castas, abrindo o bico, rufiando as asas tenras, roçando as pernas pela macia plumagem das mãos, umas galinhas gordas, satisfeitas, parecendo donas de casa, amarelas, rajadas de branco e preto, levando os grãos de milho ao bico e dando aos pintos todos contentes de sua vida.

Uma alegria das pobres aves.

Ele um pintor boêmio, sem apreço à honra; casara-se por amor, mas depois uns amigos maus, hipócritas, transformaram-no inteiramente. Mesmo dizia-se que nunca tivera juízo.

Mas, como — quem vê cara não vê coração, a pobre da moça amou-o muito, com toda a força de sua crença e casaram-se.

Depois ele tinha um vício.

Era pobre, pobre e amasiara-se com uma mulher com a qual banqueteara-se.

Às vezes, ia para a casa com o sorriso alvar de animalidade alcoolizada.

Não era barulhento, não era de instintos ferozes, mas bestializava o seu proceder.

A honesta mulher sabia de tudo, mas ah! grande luz do seu imenso coração, envergonhava-se, não queria escândalos, chorava no escuro, baixinho, toda pesarosa, toda magoada; lembrava-se do filho que tinham, sabia que era ele o pai e que se esse pai os abandonasse, seria desairoso para ela e então suportava tudo.

Pois se ela era tão honesta!

Ah! o seu filho, o seu querido filho tão bonito como ela o chamava.

O seu querido filho tão bonito!

Oh! as mães, as mães!

E no entanto a criança era raquítica, não parecia ter seis meses; o crânio muito comprido e achatado, o frontal muito largo, de uma saliência enorme, abaulado, deixando aparecer muito no fundo, dois olhos sem expressão, quase sem movimento, davam-lhe o aspecto de uma caveira; o corpo mal desenvolvido, o rosto amarelado e de uma pele seca, as pernas em arco, magras, tudo emprestava àquilo que ela chamava o seu querido filho tão bonito, uma aparência sinistra e má.

Não obstante ela o adorava!...

Oh! as mães, as mães!...

Que sacrifício profundo e sacrossanto é maior que o coração das mães?!

— O espetáculo estupendo do sol, faiscando pelos espaços intérminos, como um colosso de fogo, iluminando as esferas, dando umas tonalidades claras ao espírito das coisas, abrindo e fecundando as grandes almas de tudo, não é mais deslumbrante de eloquência que o amor das mães!...

Elas se imortalizam na memória dos filhos, quando eles se chamam Dante, Shakespeare, Vítor Hugo e Zola.

As mães são o compêndio infinito de todas as ciências, a irradiação maravilhosa de toda a luz filosófica.

Por isso ela estremecia muito o seu querido filho tão bonito.

E ele, o marido, andava fora, ou no trabalho ou em casa *dela*.

E ela, a mulher, essa outra — ela — tão modesta, tão santa, tão trabalhadeira, ainda nova, na manhã transparente dos seus vinte e dois anos, sentia a necessidade, umas abundâncias de extremos, de umas exuberâncias de afeições puras, revolvía-se toda, às vezes, como uma freira na sua cela, ficava nuns letargos mornos, sensuais, num sonambulismo etéreo, fechando os olhos numa dormência calada, como se cedesse ao poder de um magnetismo soberano.

Tinha necessidade de adular o seu querido filho e tão bonito ali estava, fisicamente feio, como a atalaia da sua honra, como a porta de bronze a lhe interceptar a entrada no palácio silforamático da prostituição.

E então ela erguia-se em toda a majestade do seu dever e abraçava e beijava o filho, numa aluvião delirante de carinhos enternecedores.

Aquele filho livrava-a de ter uma Waterloo na batalha renhida da sua existência.

E então trabalhava, trabalhava muito.

Ele já pouco ia ver a mulher e o filho.

O pão, no entanto escasseava, o fogão estava negro e calado.

O proprietário da casa onde moravam já lhes falara uma vez, duas, três vezes.

Tinham-se atrasado um tanto... uns cinco meses.

O fornecedor o vira entrar em casa diversas noites, cambaleando, e mastigando frases descontraídas.

Dissera que não fiava a bêbados, desconfiava que não seria pago e depois atirava os seus dichotes canalhas à sua freguesa e desejava-a, mas o único meio de a obter, pensava ele, era tornando-se

desapiedado e negando-lhe o alimento, porquanto ela assim cederia, já que o marido pouco parava em casa.

No entanto, a vida dela caía, caía como as pétalas de uma rosa ao chegar o inverno desabrido e úmido.

As papoulas de sua face desbotavam dia a dia.

Ele já não trabalhava quase, desmoralizara-se de todo e negavam-lhe trabalho.

Deixava, dez, quinze dias de ir ver a família.

Uma ocasião foram dizer-lhe, um pequeno aprendiz seu, que o filho fora atacado de variola.

Achava-se ele em casa da concubina.

Ela ao ouvir o recado do pequeno, sorriu-se com um sorriso de vingança, pois dizia — que ele lhe prometera casamento, que a enganara, mas que ela se vingaria; e, terminantemente ordenou-lhe que não aparecesse em casa, que não fosse ver o filho, que ela faria as despesas da moléstia e do enterro, caso a criança morresse.

E pegando da pena escreveu, imitando o quanto possível a letra do amante: — "Minha querida — sinto extremamente o estado do nosso filho, mas como não encontro trabalho na cidade e é absolutamente preciso que eu parta hoje para a vila de..., a um magnífico negócio onde poderei ter mais prontos resultados de dinheiro, desculpa a precipitação com que te escrevo e olha bem o nosso filho. — Tu és boa, perdoa-me, pois, os dias que não tenho ido à casa.

— Para que nada falte ao pequeno, *ai* te envio uma sofrível importância; a sua doença não há de ser nada; daqui a pouco te mandarei lá o médico. — Teu marido A."

Meteu o bilhete num envelope, puxou de uma bolsa, colocou dentro umas cinco notas de mil réis e deu ao pequeno que saiu.

Ele, bestializado com tudo aquilo, meio parvo, fechava de vez em quando os olhos, como que para não ver ou não desvendar a profundidade do seu abismo.

No entanto ela ria canibalescamente e redobrava de afagos para com o seu louro — como lhe chamava.

Era viúva, herdara alguma coisa para a sua subsistência e sabia atrair os ladinos e triunfar dos seus caprichos, como fazia com ele.

E enquanto a viúva pantera explodia as suas paixões venenosas, a honesta mulher, só em casa, desamparada como uma criança nua numa estrada, por uma noite negra, muito negra, aos uivos de um temporal cruel, sentindo ao longe, lá ao longe o monótono grasnar das aves agoureiras, via que o médico não chegava, que seu filho se sumia, se sumia, como a asa de uma andorinha na última extrema do horizonte.

Parecia que um prédio tinha desabado sobre ela.

Estava abatida, desconsolada, desfalecida.

Não ia ao quintal para não ver as suas aves, não ia à janela para não ver o sol percorrer satisfeito as amplidões serenas da serena luz.

Não ia porque nas aves e no sol, ela via seu filho contente adormecido aos seus beijos.

E o aprendiz, pinoteador, travesso, acriançado, não fora lá, logo no mesmo dia.

Mas no dia seguinte, de tarde, quando no éter calmo se esbatiam as tintas crepusculares, e que a sinfonia da natureza, os límpidos turíbulos das florestas, derramando perfumes suaves, convidavam

o raciocínio a um recolhimento poético, morria-lhe nos braços o filho, como um Cristo menino nos braços de Maria.

E então, ela, numa angústia despedaçadora de mãe dolorosa, lembrando-se daquele corpo, daqueles olhos, daqueles lábios que iam talvez rebentar numa explosão de boninas, de cravos e de violetas, viu abrir-se a porta e entrar o aprendiz com um objeto que lhe entregou.

Era a bolsa da concubina!!



O PADRE

(A João Lopes)

Um padre escravocrata!... Horror!

Um padre, o apóstolo da Igreja, que deveria ser o arrimo dos que sofrem, o sacrário da bondade, o amparo da inocência, o atleta civilizador da cruz, a cornucópia do amor, das bênçãos imaculadas, o reflexo do Cristo...

Um padre que comunga, que bate nos peitos, religiosamente, automaticamente, que se confessa, que jejua, que reza o — *Orate fratres*, que prega os preceitos evangélicos, bradando aos que caem *surge et ambula*.

Um escravocrata de... batina e breviário... horror!

Fazer da Igreja uma senzala, dos dogmas sacros leis de impiedade, da estola um vergalho, do missal um prostíbulo...

Um padre, amancebado com a treva, de espingarda a tiracolo como um pirata negreiro, de navalha em punho, como um garoto, para assassinar a consciência.

Um canibal que pega nos instintos e atira-os à vala comum da noite da matéria onde se revolvem as larvas esverdeadas e vítreas da podridão moral.

Um padre que benze-se e reza, instante a instante, que gagueja à frente do cadáver o aforismo de Horácio — *Hodie mihi cras tibi*.

Um padre que deixando explosir todas as interjeições da ira, estigmatiza a abolição.

Ela há de fazer-se, malgrado os exorcismos crus dos padres escravocratas; depende de um esforço moral e os esforços morais são, quase sempre, para a alta filosofia, — mais do que os esforços físicos — o fio condutor da restauração política de um país!...

O interesse egoístico de um indivíduo não pode prevalecer sobre o interesse coletivo de uma nação, disse-o um moço de alevantado talento, Artur Rocha.

Não é com a ênfase dogmática do didatismo ou com a fraseologia tecnológica dos cinzelados folhetins de Teófilo Gautier que o trabalho da abolição se fará.

Mas com a palavra educada, vibrante — essa palavra que fulmina — profunda, nova, salutar como as teorias de Darwin.

Com a palavra inflamável, com a palavra que é o raio e dinamite, como o era na boca de Gambetta, a maior concretização do estupendo — depois do sol.

A palavra que ri... de indignação; um riso convulso... de réprobo, funambulesco... de jogral.

Um riso que atravessa séculos como o de Voltaire.

Um riso aberto, franco, eloquentemente sinistro.

O riso das trevas, na noite do calvário.

O riso de um inferno... dantesco.

Ouves, padre?...

Compreendes, sacerdote?...

Entendes, apóstolo?...

Então para que empunhas o chicote e vais vibrando, vibrando, sem compaixão, sem amor, sem te lembrares daquele olhar doce e aflitivo que tinha sobre a cruz, o filho de Maria?...

O filho de Maria, sabes?!...

Aquele revolucionário do bem e aquele cordeiro manso, manso como um ósculo da alvorada nas grimpas da montanha, como o luar a se esbater num lago diamantino...

Lembras-te?!...

Era tão triste aquilo...

Não era padre, ó padre?!...

Não havia naquela suprema angústia, naquela dor cruciante, naquela agonia espedaçadora, as mesmas contorções de uma cólica frenética, os mesmos arrancos informes de um escravo?...

Não compreendes que se açoitares um mísero que for pai, uma desgraçada que for mãe, as bocas dos filhinhos, daquelas criancinhas negras, sintetizando o remorso, o aguilhão da tua consciência, se abrirão nuns gritos desoladores que, como uns bisturis envenenados, trespassar-te-ão as carnes?...

Não compreendes que de seus olhos, acostumados a paralisarem-se ante o terror, irromperão as lágrimas, esse líquido precioso das alminhas inocentes?!...

Pois tu, nunca choraste?!...

Nunca sentiste os engasgos de um soluço saltarem-te pela garganta, quando te lembras de trocar as tuas magníficas *conquistas*, os teus manjares especiais, os teus licores dulçorosos pela noite escura, muito escura, onde grasnam surdamente as aves da treva, onde Dante se acentua no *Lasciate ogni speranza*, onde os espíritos vis desaparecem e os Homeros e Camões e Virgílios surgem e se levantam pelo braço hercúleo da posteridade, pelo fôlego intérmino e secular da História?

Nunca?!...

Sim, tu estás comigo, padre!...

Estás!...

És bondoso, eu sei, tens a alma tão serena e tão lúcida como uma imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Eu sei disso!...

Olha, quando morreres — se é que morres — irás de palmito e capela, na mudez dos justos e as virgens tímidas e cloróticas, entoando grave *De profundis*, murmurarão lacrimosas:

— Coitado, foi o pai carinhoso das donzelas...

Requiescat in pace!...

Que bonito será, não!...

E depois o céu!

Sim, porque tu irás para o céu!

Não crês no céu, padre?

Pois crê, esses filólogos mentem, têm princípios errôneos e tu, padre, és um sábio...

Tu és bom...

Porém... por Deus, como é que vendes a Cristo como um quilo de carne verde no mercado?!...

Ah! É verdade, és muito pobre, andas com os sapatos rotos, não tens que comer e... és muito caridoso...

Mas, escuta, vem cá: — Eu tenho também minhas fantasias; gosto de sonhar às vezes com o azul.

O Azul!...

Deslumbro-me quando o sol se atufa no oceano, espadanando os raios purpleados, como flechas de fogo, pela enormidade côncava do espaço; inebrio-me quando a natureza com seu tropicalismo, ergue-se do banho de alvoradas, jorrando nos organismos de ouro o licor olímpico e santo do ideal, as músicas maviosíssimas e puras da inspiração, nos crânios estrelejados!...

Pois façamos uma coisa:

Eu escrevo um livro de versos que intitularei:

O ABUTRE DE BATINA

Puros alexandrinos, todos iguais, corretos, com os acentos indispensáveis, com aquele *tic* da *sexta*, — tipo elzevir, papel melado — e ofereço-to, dou-to.

Prescindo dos meus direitos de autor e tu o assinas!...

Com os diabos, hás de ter influência no teu círculo.

Imprimes um milhão de exemplares, vende-os e assim terás das *loiras* para a tua subsistência, porque tu és paupérrimo, padre, e necessitas mesmo de dinheiro, porque tens família, muitos afilhados que te pedem a bênção e precisas dar-lhes no dia de teu santo nome um mimo qualquer.

Faz isso, mas... não te metas com o abolicionismo; é a ideia que se avigora.

Talvez digas, mastigando o teu latim: — *Primo vivere deinde philosophare.*

Mas é porque tu és míope e os míopes não podem encarar o sol... Mas eu dou-te uns óculos, uns óculos feitos da mais fina pele dos negros que tu azorragas...

Pode ser que a influência animal da matéria excite o espírito e que tu... vejas.

Pode ser...

Há cegos de nascença que veem... pelos olhos da alma.

E se tu és padre e se tu és metafísico... deves ter alma...

Compreendes?...

Faz-se preciso que desapareçam os Torquemadas, os Arbues, maceradores da carne, como tu, padre.

Em vez de prédicas beatíficas, em vez de reverências hipócritas, proclama antes a insurreição...

Tens dentro de ti, bate-te no peito, nas palpitações da seiva, um coração que eu penso não ser um *músculo oco*.

Uma piedade justa, que não desdoura, que não humilha; honesta como a intenção destes pontos e vírgulas, franca como a expansibilidade do aroma.

Vibra-o pois, fibra por fibra, se não queres que os meus ditirambos e sarcasmos, quentes, inflamados, como brasas, persigam-te eternamente, por toda a parte, no fundo de tua consciência, como uns outros medonhos Camilos de Zola; vibra-o se não queres que eu te estoure na cabeça um conto sinistro, negro, a Edgar Poe.

É tempo de zurzirmos os escravocratas no tronco do direito, a vergastadas de luz...

Sejam-te as virtudes teologais, padre, — a liberdade, a igualdade e a fraternidade — maravilhosa trilogia do amor.

Unge-te nas claridões modernas e expansivas dessas três veias — artérias da verdadeira Filosofia Universal.



PONTOS E VÍRGULAS

(A Artur Rocha)

As estradas são longas e é curta a piedade dos homens, escreveu no — "Outro amável milagre" — contido no *Feixe de Penas* o primorosíssimo, o delicioso, o onipotentíssimo psicólogo Eça de Queirós.

*São longas as estradas.
É curta a piedade dos homens.*

Quer isto dizer que se acha na capital de Santa Catarina, o notável glosista Margarida, esse analfabeto, esse doido da luz, arremessado nas trevas, bom velho rude e chão, que, se não é, na frase original e observada do esplêndido fantasista, Virgílio Várzea — um sofrimento que vive a rir — é um humorismo fúnebre, dentro de uma alma cristalina de poeta.

São longas as estradas.

E ele veio de muito longe, do país das lágrimas e das saudades, dos enevoamentos do luto, porque perdeu sua esposa, o mote supremo de todas as suas glosas.

Vem em busca de um filho, que supôs morto também, morto, na impassibilidade da pedra, na rigidez do granito.

Vem procurá-lo, vem vê-lo ainda, embora, do fundo pesado da sua existência, alguma coisa lhe murmure aos ouvidos:

São longas as estradas.

É curta a piedade dos homens.

É ele, quase, absolutamente, que precisa dessa piedade, ó filhos de Cristo.

Uma piedade justa, que não desdoura, que não humilha; honesta como a intenção destes pontos e vírgulas, franca como a expansibilidade do aroma.

Ele quer essa piedade.

Mães, esposas e filhas, operárias do bem doméstico, colunas direitas dos brios sociais, bíblias inesgotabilíssimas do conforto, das consolações e... da piedade, arremessai um ceutil da vossa fartura aos peregrinos que passam, abri o escrínio da vossa abastança aos que imploram, dignamente, em pé, de rosto limpo mas...

desfigurado; deixai as vossas aristocracias de princesas bourbônicas, as vossas reverências e cortesias fidalgas, desapertai o colete do estilo, quebrai a linha da hereditariedade titular, saí, por um momento, dos arminhos flácidos das nossas alcovas elegantes e confortáveis, arquitetadas, cinzeladas de azul, brosladas de prata, cheias de caprichos arabescados de arte.

Sede democratas, uma vez.

Com a democracia dos sentimentos, preclaros, decentes, bonitos, galgareis o corrimão feito de rosas e madressilvas e jasmims, da escadaria rutilíssima, madre-perolizada, da aristocracia da virtude.

Formai das glosas, dos versos, das rimas do poeta, uma nuvem de ouro, com cintilações purpúreas, para subirdes, envoltas nela, aos intermúndios da crença, de onde o adorável, o cândido Jesus das cândidas bênçãos, entornará nos vossos lábios os aprazíveis licores da ventura infinita, e, vamos, provai, livres da vossa irritabilidade nervosa, do vosso temperamento sanguíneo, que aqui, nesta terra de Oliveira Paiva, o apóstolo sincero da bondade extrema, deixa de existir a sentença do mestre:

É curta a piedade dos homens.

O poeta vos pede pouco, muito pouco.

Atirai em leilão os livros que ele traz, arrematai-os todos, ponde em quermesse os vossos corações, enchei aquelas mãos calosas e dignas, dos mais simpáticos e sonoros níqueis e tudo será feito.

Deixai um momento o sarcasmo, a sátira e o egoísmo; lembrai-vos que a humanidade está sujeita às mesmas leis eternas e imutáveis.

Amanhã, será por vós, talvez, que passará a desolação da vida.

Amanhã, talvez, os caminhos do vosso bem-estar, tilintantes de alegria, inundados de sol, relampagueados de júbilos, estejam tristes, bem tristes... duma tristeza funda e pungitiva.

Deveis pesar os clarões da vossa felicidade, pelas sombras das mágoas alheias.

O poeta vos pede pouco, muito pouco.



SABIÁ-REI (A César Muniz)

O sabiá rufiava as asas pardas e amplas, sempre que fazia explosir, como uma girândola no ar inefável e translúcido, a sua escala cromática, de gorjeios claros e espontâneos, pela saleta de uns tons violáceos, com filetes e cinzeladuras douradas.

Quando o sol, gloriosamente tranquilo, numa fartura de luz benéfica, numa refrangibilidade prismática, atirava os venábulo cintilantes pela janela da luxuosa saleta, fazia bem ouvir-se, consorciados à coloração vermelha, rubra, os artísticos concertos do incomparável maestro das sinfonias selvagens, do empório largo da natureza criadora.

Era o deslumbramento da harmonia e da luz.

E quanto mais o sol fulgia, coruscando do alto, em rutilante cascata, mais o sabiá cantava, cantava, cantava sempre.

Parecia que nos raios do grande Filósofo da evolução natural, vinha presa, fundida, corporificada toda aquela música sonora e adoravelmente casta que lhe saía do laringe metálico.

Sentia-se como que o irromper imponentíssimo de heróis, de espíritos saudáveis, em marchas triunfais, em pompas, pela

curvidão marmórea do Azul, ao escutar-se o primoroso tenor das selvas.

Como cantava bem; como os trinados cheios, como os vocábulos musicalizados se derramavam todos, com orgulho, inflados de brio, recortados de uma bravura nervosa, sobre os objetos silenciosos — os ricos móveis facetados de madrepérola, os divãs de custo superior, os contadores róseos, as *chaises-longues*, o piano, sobre o qual dormiam algumas *rêveries* de Schubert, as cômodas poltronas austeras, os cristais finíssimos, as estatuetas representando amores pagãos, os reposteiros suntuosos, cor *marron*, as múltiplas *fanfreluches* chinesas, as esquisitas ânforas gregas—tudo na imobilidade da treva.

Um dia, deixaram a porta da gaiola aberta e o sabiá, lembrando-se que tinha talvez um lar mais livre na amplitude livre da floresta, um ninho mais amigo, mais carinhoso, na doçura consoladora da paina e do musgo, bateu, abriu as asas de gênio inspirado, num último acorde de músico e vibrante e... fugiu, rasgando a transparência das esferas alegres e infinitas.

Mas um caçador ingrato que rodeava aquelas paragens, vendo o esvoaçar vitorioso do pássaro cantarolador, disparou um tiro valente e o sabiá caiu...

Nos seus olhos havia ainda os derradeiros lampejos do tropicalismo da raça.

E o sangue a rebentar-lhe da ferida aberta, como que parecia também salmodiar a nênia sombria da ingratidão dos homens pelas Aves da Luz.



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com